

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 5. Ed. Pretrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Educação para uma escola democrática: história e filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____, **Educação como Prática da Liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____, **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GHIRALDELLI, Jr. Paulo. **Didática e Teorias Educacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo: Moderna, 1995.

MENDONÇA, Sônia Regina de. FONTES, Virgínia. **História do Brasil Recente: 1964-1992**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

SONDERMAN, Eliane, LIMA, Simone. **O Mestre da Esperança: Escola & Vídeo**. Rio de Janeiro. Revista nº 11, outubro/1994.

A Pedagogia da Libertação e o Construtivismo têm uma estreita ligação, pois ambos vêem o educando como participante do seu processo de aprendizagem. Acreditam que o conhecimento é mais fácil de ser adquirido através daquilo que lhe é mais próximo, concreto e palpável. O professor tem a função de um mediador entre o sujeito e o objeto a ser conhecido. Através da dialogicidade, ambos têm a oportunidade de desvendar o mundo à sua volta através da conscientização crítica da realidade. Com isso, é possível a construção de uma sociedade aberta, livre, justa e democrática.

Os valores têm perdido importância dentro da sociedade na qual vivemos e é de grande importância estar resgatando os mesmos. As escolas não têm cumprido a rigor a sua missão como instituição educacional que é. Há um número muito grande de burocracias na qual os professores estão presos, impossibilitando-os de cumprirem sua missão maior que é de estar educando para a vida. Não que a organização formal dos estudos e a tecnologia não sejam importantes, no entanto, o homem não deve se privar de sua faculdade mais poderosa e importante que é a razão. Conhecer e praticar os valores morais e éticos é imprescindível na construção de uma sociedade melhor.

Dessa forma, pode-se concluir que ao participar da formação do homem de amanhã é preciso e essencial o comprometimento da família, dos professores e demais funcionários da escola, bem como das autoridades governamentais e de toda a sociedade em prol de mudanças concretas dentro da educação. Só assim, será possível concretizar o que foi tão sonhado por Paulo Freire: uma educação de qualidade voltada para a formação do homem como um todo.

Cabe aos professores estar iniciando essa luta, que começará a partir do momento que ele reconhecer sua importância na formação do homem de amanhã. Apesar dos impedimentos, se ele quiser, pode fazer a diferença. Quando se em um objetivo a alcançar, é possível conseguir sua realização. Basta um pouco de dedicação e amor pela profissão. O resto vem como consequência.

CONCLUSÃO

É notório que a educação tem se mostrado um tanto enraizada de vícios herdados da pedagogia tradicional. Ainda existem profissionais que não conseguem se adaptar às novas condições em que se encontra a educação. No entanto, é possível trabalhar de forma agradável e fascinante mesmo nas piores adversidades.

Paulo Freire, em toda a sua pedagogia nos fala claramente que, sendo a educação um ato de amor, pode acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar bastando para tanto que se use uma arma essencial: o diálogo. A educação não se faz do professor para o aluno mas do professor com o aluno pois ambos deve se unir para ampliar seu grau de conhecimento e capacidade de se conscientizar em relação ao mundo.

É possível compreender essa maneira de pensar de Paulo Freire quando se desenvolve a educação como um ato de compromisso com a realidade social, desvendando-se a razão de ser dos acontecimentos e buscando fazer com que cada ser humano tenha fé em si mesmo, no seu potencial de ser cada dia melhor.

A Pedagogia da Libertação surgiu num momento em que o povo brasileiro estava sufocado pela opressão e ainda hoje, embora não se admita, ainda há uma grande opressão sobre as pessoas menos instruídas e até mesmo as que têm um grau de formação mais elevado ainda se deixam levar pelo senso comum. Dessa forma, é imprescindível que se aplique essa pedagogia dentro das escolas para que se mude essa realidade que ainda aflige o povo brasileiro.

A educação de hoje tem uma mistura de todas as pedagogias surgidas até então. Dessa forma, prega-se algumas das teorias da Pedagogia da Libertação, no entanto, muitas vezes isso não passa do papel. Na prática, os professores até que têm vontade de trabalhar mais autonomamente mas são barrados pelas grades curriculares e até mesmo pelas autoridades das escolas.

A escola democrática deve estar livre de qualquer imposição por parte dos setores políticos. Estes ainda têm invadido a privacidade e autonomia das mesmas e tentando impor suas regras. Mesmo com a conquista da democracia na escolha dos gestores, ainda existe uma pressão muito grande para que se deixe o caminho livre para que os que estão apoiados politicamente. Confundem a política educacional com a deles que é uma relação que se trava entre pessoas completamente antagônicas. Na educação é, ou pelo menos deve ser o contrário, quem quer se tornar gestor de uma escola deve primar para o lado de convencer e não de vencer as pessoas.

Para que se consiga mudar realmente essa realidade educacional faz-se necessário que todos se unam em prol dessa mudança. Transformar a escola num lugar onde se possa desenvolver experiência, competência e humanidade é um desafio que deve ser enfrentado por professores, diretores, alunos, pais, funcionários e mais, deve ser envolvida toda a sociedade pois os futuros adultos saem dessa escola, que deve ter condições e autonomia para estar preparando esses indivíduos para a sociedade.

Nessa perspectiva, é possível democratizar a educação, tornando possível uma melhora significativa no ensino, e a escola poderá ser um lugar privilegiado no sentido de proporcionar uma formação para o exercício da verdadeira democracia. Dessa forma a educação pode agir como mediadora para a construção da cidadania e da democracia, tornando possível ao indivíduo enfrentar o desafio de estar preparado para o campo de trabalho, a vida social e a cultura na qual está inserido

homem social, participativo, responsável, capaz de estabelecer relações com os outros, respeitando as suas individualidades. É preciso também que se leve em conta que o conhecimento técnico e científico é de grande valor mas que de nada vale se não for trabalhada a humanização, detalhe de suma importância em todas as profissões.

A LDB 9.394/96 propôs que cada unidade escolar discutisse e estabelecesse o currículo que fosse mais apropriado à sua realidade e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) vieram a seguir para confirmar as regras que estavam sendo colocadas para a educação.

Mas como tem sido colocado no decorrer dos capítulos anteriores, existem ainda alguns entraves que dificultam que isso seja colocado em prática. Nem tudo tem funcionado como o previsto. A realidade da sociedade competitiva e capitalista na qual se vive, muitas vezes fala mais alto e dita as regras. A necessidade de cumprir um currículo, que possa promover o educando intelectualmente e que possa estar preparando-o para os exames vestibulares faz com que as escolas escolham os conteúdos em detrimento dos valores da pessoa humana.

A enorme quantidade de conteúdos que devem ser ministrados dos acaba por negar boa parte da liberdade conquistada pela LDB e pelos PCNs pois ocupa todo o tempo das aulas não havendo possibilidade para que se trabalhe devidamente a parte pessoal e humana dos educandos.

No entanto, para quem quer mudanças, não há obstáculos que não possam ser vencidos. Não pode deixar-se deter perante as barreiras, pois estas certamente surgirão no decorrer da educação e devem ser enfrentadas. O profissional que esteja realmente envolvido e comprometido com seu trabalho, preocupa-se em participar de todos os problemas que envolvam a educação. Cabe a esses professores encontrar e fazer o tempo que precisam para estar inserindo essa parte mais pessoal e diversificada do ensino dentro de suas aulas. Mas se isso não for possível, que seja um trabalho extra com seus alunos. Não deve ele, dessa forma, estar preocupado só com o lado econômico pois será apenas uma concessão que estará fazendo em prol do seu aluno que poderá um dia estar lhe gratificando por isso sendo uma pessoa de grande valor dentro da sociedade.

Ser um bom profissional da educação é estar preparado para enfrentar todos esses dilemas sem perder o entusiasmo, a paciência e a vontade de lutar por um futuro melhor através da educação.

3.4. DEMOCRACIA É POSSÍVEL NA EDUCAÇÃO

Uma das maiores conquistas sociais que o homem obteve ao longo da história e que está cada vez mais conquistando espaço, está na capacidade de participação dos mesmos na vida política de seus países através da escolha de seus governantes por meio do voto. Entretanto, a democracia não consiste apenas em poder escolher os governantes e conquistar direitos a um tratamento igualitário mas poder tornar-se pessoas capazes de estar se preparando para saber escolher com criticidade e ter capacidade para exigir que se cumpram os direitos adquiridos.

Dessa forma percebe-se que a democracia está diretamente relacionada à educação, pois não é possível que os cidadãos exerçam e exijam seus direitos de maneira firme se não têm uma boa formação educacional. É fundamental ter uma educação de qualidade para que os homens sejam mais esclarecidos para lutarem por uma vida mais digna. Caso contrário, poderão ser levados pelas faláceas de políticos que aspiram apenas ao poder.

Uma sociedade pouco instruída é fácil de ser ludibriada e manipulada. É aí que entra o papel da escola, pois ela é peça fundamental para que se possa dar condições não apenas de elevar o nível de formação das pessoas mas também o de contribuir para prepará-las para participar da vida política de seu país.

Quando Paulo Freire afirmava que a educação é um ato político, era justamente nesse sentido, de que ela não poderia ser entendida apenas como um fenômeno técnico, formativo, independente das questões políticas mas que procurasse formar um cidadão consciente e apto para exercer seu direito à democracia com competência.

Se o exercício da cidadania tem se colocado como o papel principal para a educação, deve-se compreender que é de sua obrigação a formação do

O professor precisa reconhecer que a pessoa, o ser humano, é o valor fundamental de todo e qualquer centro educativo e que, por isso, deve-se promover não só o ensino dos conteúdos mas de valores muitas vezes esquecidos e que precisam ser resgatados. Todavia, todo professor reconhece que grande parte da tarefa das escolas ainda continua sendo assegurar em primeiro lugar e talvez unicamente, a transmissão de conhecimentos pouco comuns na vida cotidiana dos alunos.

Por mais que se diga que a educação tem mudado, ainda carrega vestígios que são difíceis de se livrar. A educação ainda está impregnada de tecnicismo e competição. Muitos têm tentado mudar, mas se esbarram nas grades curriculares e não sabem como conciliar valores e conteúdos. É preciso dar mais autonomia aos professores, para que estes possam estar elaborando em conjunto, e de acordo com a realidade escolar, o planejamento anual. Infelizmente, por mais que se diga que o professor já conseguiu esse direito, é sabido que não é de todo verdade, pelo menos não em todas as unidades escolares.

Os profissionais, no entanto, podem planejar aulas mais atrativas e fascinantes, voltados para as conexões pessoais. Dentro dos conteúdos a serem administrados é possível abrir espaço para desenvolver outras habilidades nos alunos. Se não for feito esse ajuste entre o conteúdo e valores corre-se o risco de a educação continuar sendo supérflua e incoerente com a realidade social atual.

Ser professor hoje é uma tarefa especial que requer muito amor e dedicação para estar enfrentando tantos problemas dentro da profissão, desde baixos salários, desvalorização dos profissionais excesso de burocracia dentro das escolas e até o descaso dos governantes em relação à educação de uma forma geral e até mesmo a falta de participação dos pais na educação dos filhos.

Ser professor é muito mais que conseguir assegurar conhecimentos específicos aos alunos. O universo educacional se expandiu além dos muros das instituições escolares. O professor se transformou no conselheiro, no pai e mãe dos alunos e às vezes deve fazer até mesmo o papel de psicólogo. Mesmo não sendo o profissional dessa área, adquire muita experiência na sua profissão, para estar reconhecendo em cada aluno o problema que o está dispersando da aula ou tornando-o agressivo.

Os alunos trazem para a sala de aula todo tipo de violência ou tensão emocional que sofrem em família. São agressivos e violentos com os colegas e até mesmo com os professores. Os que não demonstram esse lado agressivo, apresentam dificuldades na aprendizagem ou mesmo desinteresse total pela mesma. De alguma forma, a relação familiar tem colaborado para a formação de uma criança para que seja um bom aluno ou para que perturbe o ambiente escolar.

Nesse contexto de tensão pelo qual se passa a sociedade de uma forma geral, exige-se que se faça algo para reparar esses danos que tanto têm causado mau à humanidade.

Diante disso, cada professor responsável e consciente, que assume sua responsabilidade como educador – pois este é o seu papel hoje – terá de enfrentar os dilemas que sempre surgem dentro da profissão. Profissão esta que não é uma prática banal para a qual se pode improvisar e fazê-la de qualquer forma. Ao contrário, é uma das profissões mais complexas pois trabalha-se com seres humanos e estes devem ser tratados como tal. Não deve o professor dar apenas aulas seguindo o livro didático, como se fosse a receita para o sucesso do aluno, como se ali estivesse a chave para todos os problemas sociais da humanidade. Para exercer a função de professor dessa forma, qualquer um que tenha um nível de formação mais elevado pode fazê-lo.

No entanto, ser educador é mais que cumprir com a obrigação. É ser aquele que está inserido no processo de humanização, que faz a educação por meio do diálogo, que está preocupado em propiciar ao educando uma visão crítica, criativa, com propensão para a construção da consciência, do caráter e da cidadania.

Os objetivos fundamentais do professor para com a educação deve ser o de despertar nos educandos o conhecimento e o exercício dos seus direitos e deveres perante a sociedade, desenvolver a sensibilidade, a solidariedade, o compromisso com suas obrigações, as relações humanas, enfim, resgatar os valores morais perdidos nos últimos tempos. Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem torna-se muito mais fácil e simples pois o educando sentirá mais prazer em assistir e participar das aulas.

a dele pois esses problemas influem de maneira desastrosa no futuro do educando. São problemas que muitas vezes o professor ignora culpando os alunos pelo fracasso escolar.

Por isso, é preciso estar revendo o conceito de que todos possuem a mesma capacidade para aprender. Nas mesmas condições físicas e psicológicas essa afirmação pode ser levada em consideração. Mas em realidades completamente diferentes, isso não é possível de forma nenhuma. Temos de ajustar a educação ao tipo de sociedade na qual vivemos para que possamos desempenhar nossa função de forma a estar contribuindo para melhorar a vida dos nossos educandos.

Para Paulo Freire, o homem é o sujeito da educação, e dessa forma para que ela seja válida deve ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem, bem como de uma análise do meio de vida do mesmo. Assim, não se corre o risco de se utilizar de métodos que não dêem bons resultados.

A tarefa de educar torna-se mais fácil quando se têm apreço pelo que faz, quando se torna um ato de amor. Para educar, é preciso ter tempo, disponibilidade, paciência e afetividade, requisitos indispensáveis para a educação atual.

3.3. A MISSÃO DO PROFESSOR

Nas últimas décadas, vem ocorrendo mudanças profundas na educação, na relação familiar, nas condições de vida das pessoas, enfim, estamos passando por momento de transição e mudanças realmente radicais.

Os valores morais que outrora existiram foram perdendo a importância e cedendo lugar à falta de amor, de respeito e compreensão de um pelo outro. Dentro das próprias famílias, a falta de união está muito grande. Vem acontecendo fatos realmente assustadores nas mesmas, que estão deixando as pessoas cada vez mais apreensivas. Não se pode deixar de destacar com grande preocupação a gravíssima crise que a família atravessa, que hoje infelizmente, esta sendo incapaz de desenvolver sua tarefa educativa. Isso tem refletido diretamente nas escolas.

Quanto mais sólida for a educação mais bem preparados estarão os nossos educandos para lidar com os problemas que surgem em suas vidas, mais fácil conseguirão se erguer diante de alguma eventual queda e mais força terão para recomeçar. Quanto mais bem preparados estiverem mais abertas, honestas e adequadas serão suas comunicações porque acreditarão que o que pensam tem valor para mudar a realidade.

3.2. COMO EDUCAR HOJE

Ao refletir sobre a educação hoje, é possível perceber que ela não está tão bem como deveria estar. No contexto educacional há um impasse inquietante. De um lado, os pais estão cada dia mais ocupados com seus afazeres, em busca de melhores condições de vida para seus filhos e na maioria das vezes não têm tempo para iniciar os filhos na aprendizagem dos valores necessários para que eles sejam pessoas realmente de valor dentro da sociedade. Estão à cada dia deixando essa responsabilidade mais a cargo da escola.

De outro lado, professores sem o mínimo de conhecimento sobre o verdadeiro sentido de educar. E mesmo os que o conhecem não têm tempo para exercer esse lado tão importante da educação que é a formação pessoal do aluno. Não têm tempo porque há uma grade curricular a ser cumprida que é muito extensa. Não é dada a chance de praticar realmente a educação no seu verdadeiro sentido, ou seja, ajudar o aluno a tornar-se humano, a crescer enquanto pessoa, respeitar os direitos dos outros, a lutar pelos seus e a saber viver em sociedade.

Diante disso, não é fácil educar hoje, quando se tem consciência de que educar vai além de transmitir conhecimentos elaborados, convicções impostas. Recebe-se nas escolas, alunos cada vez com mais problemas e desajustes emocionais provocados pela forma como foram criados em família.

Isso tem se manifestado nos educandos em forma de desinteresse, descompromisso com a aprendizagem, apreensão, agressividade e outros problemas. É preciso ficar alerta diante dessas eventualidades. O professor deve pesquisar, interessar-se pela vida do seu aluno, aproximar sua convivência com

preciso tornar o acesso a esse conhecimento mais acessível ao educando para que ele possa estar em pé de igualdade com os outros.

No entanto, negar os valores dentro do processo educativo seria o mesmo que negar a condição humana, negar a própria educação. Portanto, para ser válida, ela deve levar em conta necessariamente tanto a parte cognitiva quanto a pessoal do aluno, ou seja, os conteúdos escolares que são ensinados devem estar em consonância com as questões sociais que marcam o momento.

Isso requer que a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve favorecer a introdução do aluno no dia-a-dia das questões sociais e na realidade do seu tempo, e também a sua formação como cidadão consciente para exercer seus direitos e deveres para que se libertem dos entraves que a sociedade impõe e que sejam capazes de se libertar das barreiras que impedem ou dificultam seu desenvolvimento pessoal.

A verdadeira educação é que nos permite esse desenvolvimento e ao mesmo tempo essa libertação da sociedade opressora. Envolvermos, ao nos engajarmos na luta política por uma sociedade menos discriminatória e libertação quando não nos deixamos escravizar e enfrentamos essa luta de frente, sem medo do que vamos enfrentar. Segundo Paulo Freire,

“Enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem é o da integração. A sua grande luta vem sendo, através dos tempos, a de superar os fatores que o fazem acomodado ou ajustado. É a luta por sua humanização, ameaçada constantemente pela opressão que o esmaga, quase sempre até sendo feita – e isso é o mais doloroso – em nome de sua libertação.” (Educação como Prática da Liberdade, 2000, p. 51)

Assim como um sistema imunológico saudável não é garantia de que a pessoa nunca ficará doente, mas torna-se menos vulnerável a doenças e mais bem preparada para combatê-las, a educação também não é garantia de que a pessoa nunca se sentirá apreensiva diante das dificuldades da vida, mas torna-a menos suscetível e bem mais preparada para suportá-las, dar a volta por cima e superá-las.

CAPÍTULO III

A CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

3.1. O QUE É EDUCAR

Em um primeiro momento, educar pode significar transmitir conhecimentos e informações a alguém para que ele possa estar acumulando saberes para conseguir se sobressair no mundo capitalista em que vive.

No entanto, sabemos que educar tem um significado muito mais amplo do que apenas adquirir conhecimentos das disciplinas curriculares. Supõe o processo de desenvolvimento integral do homem, isto é, sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e da personalidade do educando. A educação como se pode perceber é a base para a preparação para a vida, para se alcançar a autonomia com base numa formação sólida.

Isso não quer dizer que a capacidade cognitiva deve ser esquecida. De forma nenhuma. No entanto é possível estabelecer uma sincronia entre o saber formal e os valores. Paulo Freire, nos mostra isso ao dizer:

“Este é outro saber indispensável à prática docente. O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, respeito do professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender. Nenhum destes termos pode ser mecanicamente separado um do outro.” (Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, 1996, p. 106-107)

Historicamente, a educação tem refletido as características do seu tempo e da sociedade na qual as instituições educacionais estão inseridas. Levando em consideração essa constatação é que não se pode deixar de lado a aprendizagem sistemática na educação. Vivemos em uma sociedade cada vez mais competitiva, que vem sofrendo transformações bastante profundas, em especial nas formas de comunicação e de acesso ao conhecimento. Além disso, há um crescimento cada vez mais significativo do conhecimento científico. E é

raciocínio, conversando com ele, questionando, sugerindo, de maneira que o próprio aluno promova a construção do seu conhecimento de forma autônoma e crítica. É condição primordial, nas duas pedagogias, que a aprendizagem se realize através do diálogo, que se dá num clima de liberdade e cooperação, sem dominação, sem autoritarismo.

“Por ser uma estrutura única bipolar na qual não há separação entre sujeito e objeto do conhecimento – o Construtivismo promove a interação aluno-matéria de aprendizagem, num ambiente democrático e de dialogicidade”.⁴

Só é possível acontecer o diálogo num ambiente de autonomia, de respeito mútuo, e politicamente num ambiente social de liberdade e democracia. Assim também defendia Paulo Freire: “A educação autêntica, repitamos, não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’ mediatizados pelo mundo.”⁵

⁴ MATUI, Jiron. Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino, 1995, p. 49

⁵ MATUI, Jiron. Apud Paulo Freire, p. 75.

viver melhor pois esta pedagogia tem como finalidade educar para a vida, tornar a criança de hoje, um adulto capaz de lutar por seus direitos, pela sua dignidade de vida. Nessa perspectiva, a vinculação da escola com as questões sociais e com os valores democráticos é essencial, não só no que diz respeito à seleção dos conteúdos a serem ministrados, mas também na organização e funcionamento da mesma pois a atuação dos profissionais dentro do seu ambiente de trabalho, reflete aos educandos como tudo fica mais agradável quando cada um assume o seu papel e sua responsabilidade. Dessa forma ele perceberá que para conseguir formar uma sociedade melhor cada um deve conhecer os seus direitos e exigí-los mas também ter conhecimento dos seus deveres como cidadão consciente.

A Pedagogia da Libertação mostra que os professores devem trabalhar com seus alunos, atividades que possam desenvolvê-los para a libertação, para que não se deixem conduzir pelo senso comum, pelas faláceas dos políticos e que se tornem realmente homens no sentido real da palavra, ou seja, que se tornem verdadeiramente racionais. É preciso ensinar a pensar, a discutir, criticar, lutar por um mundo melhor.

Ao analisar a Pedagogia da Libertação, é possível reconhecer que há uma estreita ligação entre ela e o Construtivismo pois ambos têm como prioridade o educando. Ele é o centro do processo da aprendizagem. Da mesma forma que a Pedagogia da Libertação vê a educação como um ato político o Construtivismo tem um compromisso político com a formação do cidadão.

*“Antes de mais nada, o compromisso político do construtivismo sócio-histórico é com a formação do cidadão. Qualquer escola pública ou particular, é uma instituição social para a prestação de ensino à população. A qualidade desse ensino se mede pela qualidade do cidadão que cada escola forma.”
(MATUI, Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. 1995, p.18)*

O Construtivismo, como a Pedagogia da Libertação coloca o aluno frente ao objeto de aprendizagem não de forma impositiva e autoritária mas de maneira tranqüila e atrativa, conversando, dialogando. A aprendizagem não é imposta, é provocada, baseando-se na autonomia e iniciativa do aluno. Dessa forma o papel do professor é o de fazer pensar e de acompanhar o aluno no seu

Na prática do construtivismo o pensamento vai da ação para conceituação, das atividades para a reflexão mental. É a dialética do todo e não das partes.

“Construtivismo significa isto: a idéia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, de que especificamente, o conhecimento não é dado em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais, e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência, e muito menos pensamento.” (MATUI, Construtivismo: teoria construtivismo sócio-histórica aplicada ao ensino, 1995, p. 46)

2.3. A RELAÇÃO DO CONSTRUTIVISMO COM A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

Na Pedagogia Libertadora a ação educativa deve ser precedida de uma reflexão sobre o educando, bem como de uma análise do meio de vida desse indivíduo, do seu ambiente, da sua comunidade. O aluno se torna dessa forma o sujeito da educação.

Essa reflexão sobre o sujeito a ser educado é necessária para que não corra o risco de serem escolhidos métodos e procedimentos que venham a reduzi-lo à condição de objeto. É importante também a análise do seu meio cultura para que não se cometa o equívoco de realizar uma educação pré-fabricada, completamente fora da realidade do educando a quem se destina.

Essa pedagogia vê a educação como uma possibilidade de criar condições para que os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos que serão necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade mais democrática e justa. Sua preocupação não é ensinar apenas os conteúdos curriculares aos educandos mas de ensiná-lo a

construtivismo procura desenvolver práticas pedagógicas sob medidas para cada etapa de desenvolvimento da criança.

Essa prática pedagógica estimula a descoberta do conhecimento pelo aluno, evita afogá-lo com informações prontas e acabadas, mas quando se faz necessário, utiliza a memorização. Neste caso, o professor deve escolher o momento oportuno e criar situações interessantes para transmitir aquele tipo de conhecimento que não é possível de ser construído como o nome de países, estados, capitais e personalidades. Dessa forma, fugirá da rigidez da prática tradicional.

No construtivismo, exige-se uma maior atenção individual ao aluno do que nas outras linhas de ensino, pois se ele admite que cada aluno tem o seu processo particular de aprendizagem, o professor deve conhecê-lo, acompanhá-lo e fazer as intervenções adequadas. No entanto, isso não quer dizer centralização total, ao contrário, o construtivismo valoriza muito o intercâmbio entre os alunos e o trabalho de grupo, em que o professor tem uma presença motivadora e menos impositiva. Essa presença também é muito importante no processo avaliativo, pois ele é contínuo e tem caráter de diagnóstico e não de punição, de certo ou errado. A avaliação escrita não é o único indicador do rendimento do aluno, que também é avaliado pelo desempenho rotineiro em classe.

Quanto a sistematização do ensino, o construtivismo a considera necessária, mas aplicada com bom senso e flexibilidade. Não permite que o currículo seja uma imposição, com etapas rígidas, sucessivas e inalteráveis. Segundo esse método, os livros didáticos usam uma linguagem padronizada, artificial e distante do mundo conhecido pela criança, além de apresentar o conhecimento em seqüência rígida, prevendo uma aprendizagem de conceitos baseada na memorização.

A meta principal do construtivismo é formar pessoas de espírito inquisitivo, participativo, cooperativo, com mais desembaraço na elaboração do próprio conhecimento, além disso, cria condições para um contato mais intenso e prazeroso com o universo da leitura e da escrita, despertando nos alunos um senso de autonomia e participação que não é comum em outras linhas pedagógicas.

Dessa forma, percebe-se, que o construtivismo nasceu da síntese de Kanta das duas correntes filosóficas completamente opostas: o racionalismo e o empirismo. Assim, "O construtivismo é uma teoria do conhecimento que engloba numa só estrutura os dois pólos, o sujeito histórico e o objeto cultural, em interação recíproca, ultrapassando dialeticamente e sem cessar as construções já acabadas para satisfazer as lacunas ou carência."³

2.2. O QUE É O CONSTRUTIVISMO

O construtivismo é uma nova linha pedagógica que vem ganhando espaço nas escolas em todo o Brasil. As maiores autoridades do construtivismo, no entanto, não costumam admitir que se trate de uma pedagogia ou método de ensino, por ser um campo de estudo ainda recente, cujas práticas, exceto no caso da alfabetização, ainda precisam de tempo para amadurecimento e sistematização.

O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e o desenvolvimento do raciocínio. Não aceita a apresentação de conhecimentos prontos ao aluno. Daí o termo "Construtivismo" pelo qual se procura indicar que uma pessoa aprende melhor quando toma parte de forma direta na construção do conhecimento que adquire. Nele, se enfatiza a importância do erro não como uma barreira, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. Condena-se a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático completamente estranho à realidade do aluno.

O Construtivismo adota tais práticas com base nas experiências do psicólogo suíço Jean Piaget que foi a maior autoridade sobre o processo de funcionamento da inteligência e de aquisição do conhecimento. Piaget demonstrou que é a relação da criança com o mundo físico e social que promove seu desenvolvimento cognitivo e que deve-se observar os alunos para tornar os conteúdos pedagógicos proporcionais às suas capacidades. Por isso, o

³ MATUI, Jiron. Construtivismo: teoria construtivista sócio-história aplicada ao ensino, 1995, p. 46.

O seu erro está em considerar o objeto, ou seja, o externo, como a única fonte de conhecimento. E esse grave engano ainda se reflete na educação até os dias atuais. Na maioria das escolas, prevalece o empirismo nas práticas educacionais, desde o planejamento, a execução e avaliação dos educandos. Consideram os alunos aqueles que não sabem e o professor o que sabe para lhes transmitir. Na maioria das escolas têm ocorrido esse tipo de atitude por parte dos professores. Os alunos são pressionados a responderem a questionários e exercícios que não trazem nenhum aproveitamento para os mesmos. Respondem mecanicamente, por obrigação, sem nenhuma aprendizagem significativa. O aluno, dessa forma, é considerado com um depósito de conteúdos que muitas vezes não têm nenhum sentido.

Nesse tipo de abordagem, os conteúdos são introduzidos de forma equivocada, não dando oportunidade para que os alunos possam estar contribuindo com suas experiências para enriquecer ainda mais a aula e torná-la mais incentivadora.

É preciso trabalhar os conteúdos de forma que a aprendizagem não seja apenas mecânica, mas tornar possível aos alunos construir seu próprio conhecimento, analisando, buscando resultados, interpretando e construindo seu aprendizado.

2.1.1. DA SOLUÇÃO DE KANT, NASCE O CONSTRUTIVISMO

Ainda no século XVIII, Kant percebeu que o erro dessas teorias era exagerar no papel do sujeito, no caso do racionalismo e no do objeto no caso do empirismo. De fato seria muita pretensão considerar o conhecimento apenas em função do sujeito ou apenas do objeto.

Para Kant, conhecer só é possível através da relação entre o sujeito e o objeto. Dessa forma, para conhecer algo é necessário os dois elementos: o objeto, ou seja, a matéria e o sujeito, que entra com a forma do conhecimento.

Portanto, dessa afirmação de Kant, de que o conhecimento vem da ligação entre o sujeito e o objeto, é que o construtivismo desenvolveu essa interação como uma estrutura bipolar, cujos elementos são inseparáveis. Não há sujeito sem objeto e não há objeto sem sujeito que o construa.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO DO CONSTRUTIVISMO COM PAULO FREIRE

2.1. PRESSUPOSTO FILOSÓFICOS

O pensamento ocidental da modernidade vem sendo regido por teorias de conhecimento que tem levado nossa civilização a oscilar ora para um lado, ora para outro. Pensadores de várias épocas da História têm contribuído para essas oscilações.

No século XVIII havia uma luta entre duas epistemologias: o racionalismo e o empirismo, que viam o conhecimento sob um prisma bastante divergente, um contradizia o outro.

O Racionalismo tem esse nome porque acredita que a fonte do conhecimento é a razão e o pensamento e que estes são essenciais, necessários e suficientes para o conhecimento verdadeiro. Já na Antigüidade, Platão afirmava essa teoria, que mais tarde, na modernidade, ganhou uma nova versão com o filósofo René Descartes que também considera que existem idéias inatas, só que mais gerais do que as de Platão.

O grande engano do racionalismo é considerar a razão e o pensamento como únicas fontes do conhecimento. Essa limitação faz com que seus seguidores tenham uma crença indiscutível nas verdades e princípios racionais, sem nenhuma crítica ou questionamento.

Já no empirismo, afirma-se que o conhecimento vem de fora, vem dos objetos. Quando a pessoa nasce, sua mente é vazia, é como uma folha de papel em branco que vai sendo preenchida a medida que ela vai se desenvolvendo e entrando em contato com o mundo.

A palavra empirismo é usada mais comumente como uma prática sem base científica, sem estudo, sem planejamento. Para os empiristas ingleses do século XVII e XVIII é a teoria do conhecimento que o considera como algo que vem do exterior da pessoa, ou seja, através dos órgãos dos sentidos e da experiência, a criança vai adquirindo e acumulando conhecimentos em sua mente.

planos de ensino anual que devem ser seguidos à risca, planos de aula, diários, as avaliações são minunciosamente conferidas, e, muitas vezes recusadas por serem consideradas uma facilidade para os alunos. Pessoas que não estão em sala de aula há muitos anos e não conhecem a realidade do dia-a-dia da mesma e dos alunos é que decidem como se deve avaliar. Há uma incoerência muito grande entre a teoria e a prática.

“Essa visão técnica permite e aconselha regulamentar a escola como se fosse um mundo de objetos e não de pessoas. Horários, composição e distribuição de turmas, notas, conhecimentos são regulamentados como objetos, até os educandos e educadores administrados como objetos e não como gente que carrega para a escola sentimentos, cultura, pulsações.” (ARROYO, Ofício de Mestre: imagens e auto imagens, 2000, p. 141)

Olhando por esse prisma, há uma grande relação entre a pedagogia da libertação e a educação brasileira atual, já que no contexto da proposta dos PCN se concebe a educação escolar como uma prática que dá condições fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática, mais justa, livre e não excludente. Nesse sentido, as palavras de Paulo Freire “Investigar temas geradores para organizar conteúdo programático”² condizem com as propostas dos PCN.

No entanto o que se vê ocorrendo em muitas escolas é que não são colocadas em prática essas propostas. Isso ocorre devido a ainda existirem profissionais da educação que ainda não conseguiram se desgarrar do vínculo que ainda mantêm com o tradicionalismo que era utilizado a tempos atrás e que era aceito como correto.

Muitos profissionais da área educacional não percebem que os tempos mudaram e que a sociedade pede pessoas mais autênticas, autônomas e criativas. Negam aos alunos e aos professores a oportunidade de crescerem. Ainda carregam os vícios de uma educação arcaica e imprópria para os dias atuais.

É notório que tem havido nas últimas décadas inovação na educação, mas muitos não estão dispostos a reconhecer essas, mudanças e muito menos aceitá-las. As propostas tecnicistas da Lei 5692/71 ainda predominam dentro de muitas escolas. Foi incrustado por tanto tempo e tão profundamente nas mentes das pessoas que elas não conseguem se livrar desse amontoado de entulhos que as vem acompanhando. Não está sendo fácil concretizar a mudança.

As tendências pedagógicas que se visualizam nas escolas brasileiras, na maioria dos casos não aparecem de forma pura, mas uma mistura de inovação com tradicionalismo. Nos encontros pedagógicos e cursos de formação de professores, tentam trazê-los para a realidade de hoje, mostram os moldes da educação brasileira, mas ao tentarem colocar em prática, os professores muitas vezes não o conseguem por não compreenderem muito bem como funcionam e também por serem “podados” dentro do próprio local de trabalho.

Os discursos são sempre de mudança, de valorização da educação, mas as práticas não são coerentes com as propostas. Exige-se dos professores

² FREIRE Paulo. Pedagogia do Oprimido, 1975, p. 214.

da crescente degradação profissional do magistério como baixos salários, desprestígio social e excesso de burocracia. As pessoas ligadas à educação entraram em um estado de desânimo e frustração, agravados por dificuldades financeiras e descrença nos valores educacionais.

Na década de 80 o Brasil novamente entrou em um período de transição política. Cresceu o questionamento ao regime militar e os diversos setores da sociedade passaram a reivindicar ardorosamente uma mudança de rumo para o país, visando a democratização do Brasil.

Com a retomada do processo de redemocratização do país, reavivaram-se as discussões pedagógicas, surgiram novas reflexões que demonstravam o caráter conservador e imóvel das teorias até então praticadas. Teorias estas que deixavam de lado o valor educacional da transmissão da cultura, dos conteúdos concretos, das realidades sociais.

Com a redemocratização do país na segunda metade da década de 80, surgiram novas propostas de políticas educacionais e houve um crescente movimento liderado por educadores e pelos setores progressistas da sociedade, que se sentiam indignados diante do descaso em relação à educação brasileira.

A partir da democratização do país, voltaram a abrir-se os horizontes dentro da educação brasileira, que ao contrário do período ditatorial foi dando abertura à participação de toda a comunidade nas decisões dentro das escolas. As propostas foram surgindo e houve muito mais liberdade de expressão nas mesmas.

Os parâmetros curriculares nacionais são de natureza aberta, oferecendo uma proposta flexível, a ser concretizada de acordo com cada região, com a realidade de cada local. Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, divergente da realidade escolar.

As propostas dos PCN respondem à necessidade de referenciais a partir dos quais o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que se respeite as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade de multiplicidade cultural, social e econômica. Mostra que a educação pode atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma igualdade de direitos entre os cidadãos, baseando-se nos princípios democráticos.

Libertadora dispensa a fixação de conteúdos pré-estabelecidos. Os conteúdos são desenvolvidos a partir da realidade concreta dos educandos e devem refletir situações vinculadas aos interesses dos alunos e não à ideologia cultural das elites. Portanto a educação passa a ser um procedimento de conscientização contra todo e qualquer tipo de opressão.

1.5. A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Durante muito tempo o pensamento pedagógico preocupado em promover a emancipação popular foi sufocado. Inúmeros intelectuais brasileiros, professores, cientistas, artistas, foram perseguidos e condenados ao exílio. O regime militar tratou de moldar a educação brasileira segundo suas diretrizes ideológicas.

A inspiração liberal humanista que caracterizava a Lei de Diretrizes e Bases/61 foi suplantada pela tendência tecnicista. Enquanto a LDB/61 preocupava-se mais com a qualidade da educação, os fins educacionais, as aspirações da personalidade individual, a cultura geral, o tecnicismo das Leis 5540 e 56 92 passou a enfatizar, respectivamente, a quantidade da educação pela ampliação massiva de escolas, os métodos da tecnologia educacional, as necessidade sócio-econômica do mercado de trabalho, a formação técnico profissional.

Esse tipo de pedagogia que reinou por anos a fio, tinha como preocupação fundamental utilizar a educação como meio eficiente de preparação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho. Deixou de existir quaisquer preocupações em relação ao questionamento sócio-político do conteúdo do ensino. Ensinar passou a ter o significado não só de qualificar o aluno para o mercado de trabalho mas também o de moldar o seu comportamento de modo que ele soubesse operar de forma técnica, prática, com o conteúdo ensinado.

Na primeira metade da década de 70 o setor educacional sofreu um processo de queda generalizada do ensino nas escolas públicas, acompanhado

1.4. O QUE É PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

Tomando como base o que nos mostra Paulo Freire, “uma ação é livre na medida em que o homem transforma seu mundo e a si mesmo”, podemos perceber que a Pedagogia da Libertação é uma educação com uma postura de ato político, ou seja, vê o homem como possuidor de uma vocação para sujeito da história e não um objeto a ser manipulado pelo sistema educacional e pela sociedade. É preciso romper com o tradicional, com a mentalidade autoritária e libertar o ser humano de seu mutismo. A educação deve primar para a conscientização do homem diante dos problemas à sua volta, na sua comunidade, isto é, engajar este homem, na luta política por uma sociedade mais livre e justa.

A Pedagogia da Libertação identifica-se com os oprimidos, aqueles que não tem voz na sociedade mas que também tem capacidade para produzir cultura como qualquer outro ser humano. Busca uma educação comprometida com a solução dos problemas da comunidade. É uma pedagogia em que se valoriza os costumes e a cultura do local de vida da população a ser educada.

A Pedagogia da Libertação tem a finalidade não só de ajudar aos educandos a adquirir conhecimentos em termos de conteúdos disciplinares mas também em levá-los a raciocinar, a pensar e não se deixar dominar pelas demagogias dos políticos e nem pelos meios de comunicação de massa.

A Pedagogia da Libertação propõe a desalienação das pessoas, através do diálogo, que deve ser o principal instrumento didático do professor, o mesmo deve acontecer de maneira agradável, como o encontro de pessoas que têm os mesmos objetivos e querem lutar para se desvencilhar da opressão em que vivem. Este deve partir de situações vividas pelo educador e pelo educando em sua comunidade. Deve-se dialogar profundamente através do esforço intelectual da problematização, colocando os educandos em condições de alcançarem uma visão crítica de suas realidades.

Por intermédio do diálogo, desenvolve-se a busca do conteúdo programático da educação. Estes serão extraídos da experiência pessoal dos educandos. Dessa forma, caminha-se dos elementos mais próximos para os mais distantes, da experiência concreta para a abstrata. Nesse sentido a Pedagogia

O Brasil apresentava um quadro político, econômico e social dos mais problemáticos. No campo da Educação a coisa não era diferente. Nos primeiros anos da década de 60 o Brasil tinha pouco mais de 70 milhões de habitantes, dos quais 42% eram analfabetos, ou seja, 30 milhões. Os graves problemas da educação eram ignorados: a falta de vagas nas escolas, os problemas da educação popular, o analfabetismo, a evasão, a repetência, a melhoria da formação dos professores.

O Brasil estava vivendo uma fase de transição da democracia para a ditadura militar e os professores não poderiam ignorar aquele momento de tantas tensões, nem tampouco deixar de mostrar aos seus alunos a realidade do país. Paulo Freire nos mostra isso claramente ao dizer que “vivia o Brasil, exatamente, a passagem de uma para outra época. Daí que não fosse possível ao educador, então mais do que antes, discutir o seu tema específico, desligado do tecido geral do novo clima cultural que se instalava, como se pudesse ele operar isoladamente.”¹

Nesse contexto histórico é que surgiu e se desenvolveu o seu pensamento pedagógico que tinha um cunho conscientizador. Ele sonhava com uma transformação social através da educação e sem violência.

A tão sonhada transformação não se efetivou de fato. O poder presidencial tornou-se bastante frágil, permitindo que em 31 de março de 1964 se impusesse uma ditadura militar no país e nesse regime autoritário a força e a violência substituiu o consenso.

Professores e alunos que pretenderam discutir politicamente o que estava acontecendo com a educação brasileira e criticavam os caminhos adotados e tentavam propor soluções diferentes, foram duramente reprimidos.

A grande transformação idealizada para a educação na década de 60, não chegou ao fim porque os interesses políticos nacionais e internacionais interferiram na sua continuação, mas o processo que iniciou ainda perdura até hoje.

¹ FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 2000, p. 54.

do segundo, expressando porém o aumento da representatividade de ambos. Inviabilizavam-se as formas tradicionais de condução política.

Duas grandes polêmicas agitavam o período: As reformas de base e a luta antiimperialista. As manifestações do Executivo a esse respeito foram manter a política externa dependente, estabelecer limites para a remessa de lucros ao exterior e finalmente, em março de 64, enviar ao Congresso o projeto de reformas.

A divisão se delineava no interior dos partidos conservadores. No PSD (Partido Socialista Democrático), o grupo da Ala Moça apoiava as reformas pretendidas pelo então presidente João Goulart, que enveredava por uma política de tendências socialistas. Seus outros segmentos retiravam o apoio a Jango. Na UDN (União Democrática Nacional), as diferenças eram entre o grupo progressista da Bossa Nova e os conservadores ortodoxos. Quanto ao PTB (Partido Trabalhista Democrático), ampliava-se sua penetração no interior enquanto os pequenos partidos ideológicos cresciam em influência nos grandes centros urbanos. A monopolização e internacionalização da economia brasileira refletiam-se nessas disputas.

Com o desenvolvimento do capitalismo e a industrialização da agricultura acelerou-se o êxodo rural. Essas pessoas deslocando-se para as cidades, sem capacidade para exercer funções nos setores já existentes como a indústria e o comércio, passavam a sobreviver do subemprego ou de ocupações domésticas com uma remuneração muito baixa, inferior ao salário mínimo.

A organização trabalhista, organizada em moldes corporativos, excluía os trabalhadores rurais de seus benefícios, enquanto para os urbanos, estabelecia um piso salarial. No entanto esses salários acabaram entrando em fase descendente, registrando perdas reais.

Isso levou à intensificação do movimento sindical nos anos 1960-1964, ameaçando romper as imposições do Estado bem como estender a mobilização a outros setores e regiões do Brasil. Os trabalhadores indignados com os baixos salários iniciaram greves que atingiram diversos setores da economia. Ampliavam-se suas reivindicações, com os sindicatos e centrais sindicais exigindo maior participação nas decisões nacionais.

principalmente, seu significado social para o grupo. A pesquisa é feita em conversas informais com os moradores do lugar onde se vai utilizar o método.

Na segunda etapa, da *Tematização*, inicia-se efetivamente a alfabetização. A mesma consiste em utilizar as palavras geradoras para representar o modo de vida dos alfabetizandos, sempre dentro da realidade concreta, como nos mostra Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* “Não se pode propor representações de realidades estranhas aos indivíduos”.

Quando o alfabetizando apreende a escrita da palavra que representa algo do seu cotidiano, é possível desmembrá-la para fazer a associação com outros vocábulos ou fonemas. A partir daí, surgem outros temas geradores e são elaboradas fichas para decomposição das famílias fonéticas.

A terceira etapa do método, a mais importante, e que o diferencia de todos os outros é a *Problematização*. Nessa fase, alunos e professores se integram na discussão dos temas, pois não basta ler: é preciso entender o que é lido e formar a consciência crítica. O objetivo do método é a conscientização, o conhecer da realidade, é descobrir suas tramas e partir para a ação transformadora.

1.3. O CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

No período de 1960-64 vivia-se no Brasil um instável desequilíbrio entre os partidos, configurando tanto a ruptura do pacto populista quanto a emergência da participação popular não amparada na cena política. A expressão partidária dessas lutas, centradas nas reformas de base, especialmente a Reforma Agrária, demonstrava cada vez mais claramente os perfis ideológicos dos parlamentares. Sua atuação direta a favor dos segmentos em luta e a formação de frentes interpartidárias traziam maior transparência à disputa política, descortinando as fissuras no interior da classe dominante e pondo a nu as contradições de classe; independentemente do aspecto partidário.

Mostrava-se um empasse entre o Executivo e o Legislativo que demonstrava tanto o caráter progressista do primeiro quanto o conservadorismo

Em julho de 93, a Pedagogia do Oprimido ganhou uma espécie de segundo capítulo, a Pedagogia da Esperança, um livro quase autobiográfico em que Freire conta episódios de sua vida, faz uma autocrítica a respeito de erros e acertos do passado e reafirma sua defesa da educação libertadora.

Em 94, recebeu o título de Grão Mestre da Ordem Nacional do Mérito Educativo, do Ministério da Educação e Cultura.

"Escrever a história da educação brasileira, latino americana, ou da educação popular sem lembrar de Paulo seria uma injusta lacuna. Olhar a imagem reconstituída do magistério nas últimas décadas sem ver e captar a imagem do Paulo Mestre seria um injusto esquecimento." (ARROYO, Ofício do Mestre, 2000, p.238)

1.2. O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE

Antes de Paulo Freire, adultos e crianças de qualquer classe social eram alfabetizados pelos mesmos métodos. Mas por ter sido criado no meio do povo e conhecer sua linguagem, ele conseguiu perceber que os métodos até então utilizados não serviam para motivar as pessoas a aprenderem. Era preciso partir da vivência de cada um. Criou, então, mais do que um método: uma teoria do conhecimento, que partia de palavras geradoras da vida dos alunos. Esse método não pretendia se limitar ao ensino dos conteúdos disciplinares. Tratava-se acima de tudo, de um projeto assumidamente político pedagógico. A proposta era mostrar ao homem simples sua própria capacidade de gerar conhecimentos, fazê-lo discutir seu cotidiano, conduzi-lo a mudar a injusta realidade social. Enfim, saciar a fome da cabeça.

Seu Método pode ser dividido em três etapas. A primeira etapa chamada de *Investigação*, consiste na pesquisa do universo vocabular da comunidade de alfabetizandos. O objetivo da pesquisa é fazer o levantamento de palavras geradoras. São elas que levarão ao processo de aprendizado, desencadeando a associação com outras palavras. As palavras geradoras são escolhidas de acordo com sua riqueza silábica, seu valor fonético e,

do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, organização que desempenhou papel importante nos movimentos de libertação de países africanos.

Em Harvard, Freire trabalhou como professor convidado pelo Centro de Estudos em Educação e Desenvolvimento e como associado ao Centro de Estudos e Desenvolvimento e Mudança Social, onde terminou de escrever o livro *Ação Cultural para a Liberdade*, no qual indicava os caminhos para o combate à invasão cultural dos países ricos. Em 1970, Freire aportava em Genebra. Lá foi por dez anos consultor do Conselho Mundial de Igrejas, como conselheiro educacional de governos do Terceiro Mundo. No ano seguinte, um grupo de exilados brasileiros fundaria ali o Instituto de Ação Cultural (IDAC), centro de pesquisas em pedagogia voltado para as questões sociais. Em 1975, surge a oportunidade que os integrantes do IDAC esperavam: Freire e sua equipe são convidados para colaborar na elaboração do Plano Nacional de Alfabetização da Guiné-Bissau, país da África Ocidental que durante 15 anos viveu uma guerra de libertação contra os colonizadores portugueses e no momento era presidido por Amílcar Cabral. À experiência na Guiné-Bissau seguiu-se o trabalho em São Tomé e Príncipe, outro país africano que acabara de se libertar dos portugueses.

Ao sair do Chile, Paulo Freire já era reconhecido mundialmente. Durante o governo de Allende, ele escrevera dois livros: *Pedagogia do Oprimido*, sua obra teórica mais importante e já traduzida para 17 idiomas, e *Educação como Prática da Liberdade*.

Paulo Freire é a maior referência mundial em alfabetização de adultos. Seu currículo incluía títulos de doutor honoris causa conferidos pelas mais conceituadas universidades do mundo, como a Open University de Londres, Universidade de Louvain (Bélgica), Universidade de Michigan (EUA) e Universidade de Genebra (Suíça). Em 1986, a UNESCO lhe concedeu o Prêmio da Educação para a Paz. Também recebeu prêmios e homenagens de países como Bolívia, Espanha, Itália, Portugal, El Salvador, Suécia, França, e Irã.

Quando voltou do exílio, em julho de 1979, Freire disse humildemente, que precisava "reaprender" o Brasil, e logo retomou suas atividades. Entre 89 e 91 assumiu a Secretaria da Educação de São Paulo, no governo de Luiza Erundina.

empolgação: capacitação de monitores (professores) e formação de turmas nos quatro cantos do Brasil.

Tempos depois, seguiu-se a inesquecível cronologia: 31 de março de 1964 – Minas está nas mãos dos militares e o general Mourão Filho marcha com suas tropas para o Rio; 1º de abril – o general Kruel, do II Exército, em São Paulo, adere ao movimento; Arraes é preso em Recife; 2 de abril – João Goulart parte de Brasília para Porto Alegre, na madrugada; o deputado Ranieri Mazzili é empossado como novo presidente, provisoriamente; 4 de abril – João Goulart exila-se no Uruguai.

A caça às bruxas terminou alcançando Paulo Freire. No dia 16 de junho, bem cedinho, dois policiais bateram em sua casa para levá-lo preso. Ficou 70 dias na cadeia respondendo a interrogatórios e sendo acusado de que seu Método pretendia tornar o país bolchevique (dominação dada à extrema - esquerda da Rússia na Revolução de 1917). Durante o tempo em que esteve preso os militares tentaram de todo jeito provar que Freire era um subversivo internacional, dono de uma ignorância absoluta, traidor de Cristo e do povo brasileiro. Mas tiveram que se contentar com o arquivamento do inquérito por falta de provas.

Se não puderam enquadrar Freire, os militares conseguiram afastá-lo do país. Depois da experiência na cadeia, Paulo Freire observou que, em tal clima de exacerbação e irracionalidade, seria muito arriscado permanecer no país.

Freire iniciou as andanças no exílio pela Bolívia, quando foi contratado pelo Ministério da Educação do governo Paz Estensoro. Mas outro golpe de estado o surpreendeu. E ele se mudou para o Chile, onde foi trabalhar com Jacques Choncol, então responsável pela reforma agrária do Governo de Salvador Allende. Ficou quatro anos e meio lá, ocupado com a elaboração do Plano de Educação em Massa e dando aulas na Universidade Católica de Santiago, além de ser consultor da UNESCO (órgão da ONU para a Educação e Cultura).

Encerrada sua missão no Chile, em 1969, Freire foi convidado para dois anos de trabalho na prestigiada Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Mas só aceitou ficar lá por seis meses, porque disse sim a outro convite,

de seu trabalho como educador. Recebeu um convite para ocupar o cargo de Diretor do Setor de Educação do recém – criado Serviço Social da Indústria (SESI), onde ficou por oito anos em contato direto com operários.

O Método Paulo Freire nasceu em Pernambuco, no Movimento de Cultura Popular de Recife (MCP). No final da década de 1950, os integrantes do MCP, liderados por Freire, criaram os círculos de cultura, onde grupos de trabalhadores discutiam com os educadores temas escolhidos por eles. Não havia cartilhas, notas, decoreba. Era só sentar e conversar. Exercitar o diálogo, encontrar soluções, compreender, criticar. Os resultados foram tão animadores que Paulo Freire percebeu que se era possível alcançar aquele nível de discussão com círculos de cultura, poderia fazer o mesmo numa experiência de alfabetização.

Era a época da Aliança para o Progresso, idealizada pelo presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, para tirar a América Latina do subdesenvolvimento em dez anos. A experiência de Angicos surgiu nesse quadro, quando a Aliança para o Progresso fazia convênios na área educacional com o governo Aluizio Alves, do Rio Grande do Norte. Freire foi então convidado pelo governador para coordenar a alfabetização de adultos no estado. A meta era chegar a 100 mil alfabetizados até o final do mandato de Aluizio, em 1966. Freire aceitou mas, para evitar jogadas eleitorais, exigiu que o governador não visitasse a cidade durante o curso. Em compensação, o Método ganhou dimensão nacional depois da visita do presidente João Goulart a Angicos. O resultado da experiência valeu: dos adultos inscritos entre os quais, 94 domésticas, 46 operários, 38 agricultores, 15 pedreiros, comerciantes, motoristas, lavadeiras, bordadeiras, funcionários, parteiras, mecânicos, um vaqueiro, um soldado, um jornaleiro, uma prostituta e cinco pessoas sem profissão - , 70% foram alfabetizados.

Depois da visita a Angicos, em abril de 1963, João Goulart deu mais um passo na direção do sonho: convidou o professor Paulo Freire para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização (PNA). A meta prevista era instalar 20 mil círculos de cultura em todo o país até 1964, ano em que aconteceu o golpe militar. Menos de dois meses depois do convite de João Goulart, o PNA era criado oficialmente e começava a se espalhar. Seguiram-se meses de muito trabalho e

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE LIVRE E JUSTA

1.1. QUEM É PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife (PE). Aprendeu as primeiras palavras com os pais, o potiguar Joaquim Temístocles Freire, sargento do Exército, e a dona de casa bordadeira e pernambucana Edeltrudes Neves Freire.

Depois da crise de 1929, com o crack da Bolsa de Nova York e seus reflexos na economia mundial, a família Freire teve que se mudar para Jaboatão, a 18 km de Recife, onde a vida parecia mais fácil. Paulo Freire tinha 10 anos. Aos 13 perdeu o pai. Os estudos foram adiados e a entrada no ginásio só se deu quando ele tinha 16 anos.

Em Jaboatão, jogando bola nas ruas, Freire conheceu filhos de camponeses e operários, que moravam nos morros ou à beira dos córregos. Nesse convívio, o menino fez a descoberta que norteou todo o seu trabalho futuro.

Na convivência com meninos pobres, Paulo Freire não teve contato apenas com a linguagem popular, mas começou a se delinear ali o que mais tarde chamaria de Pedagogia do Oprimido.

Apesar da paixão pelo ensino que surgiu depois dos 15 anos, o jovem Freire fez outra opção profissional: ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Nessa época, já trabalhava como professor secundário e conheceu a mulher que o ajudaria a tomar o rumo certo, Elza Maria Costa de Oliveira, alfabetizadora, cinco anos mais velha do que ele. Casaram-se em 1944, quando Freire tinha 23 anos. Tiveram cinco filhos e viveram juntos até a morte de Elza, em 24 de outubro de 1986. Foi ela quem mostrou a Freire o que era o método global, até então usado pelos movimentos populares de alfabetização, que ensinava a partir da realidade concreta dos alunos e inspirou o Método Paulo Freire.

No final do Curso de Direito, a idéia de se tornar advogado já estava superada. Em 1947, Freire iniciou outra experiência que colaborou na construção

INTRODUÇÃO

A educação tem se mostrado um grande desafio que deve ser enfrentado pois, embora seja considerada capaz de solucionar problemas sociais, políticos e econômicos, ela também é um dos problemas do Brasil. Ao resolvê-lo, ela será com certeza a solução para os outros. Dessa forma, pretende-se fazer uma análise dessa educação tendo como referência a pedagogia de Paulo Freire para que se possa adquirir subsídios que estejam colaborando para a construção de uma pedagogia mais humana, levando em consideração a formação do educando como um todo. Para que isso seja possível, é preciso que se reconheça que é necessário que haja uma educação mais democrática que possa tornar possível a realização da sua função principal que é a de construir uma sociedade mais livre e justa.

No primeiro capítulo será feito um apanhado geral da vida de Paulo Freire, bem como o contexto histórico do surgimento da sua pedagogia e o que ela é realmente. Em seguida faz-se uma comparação da mesma com a educação brasileira através da história até os dias atuais. No segundo capítulo, levar-se-á em conta a relação da Pedagogia da Libertação com o Construtivismo, percebendo-se que há muita semelhança entre os dois, pois têm como elemento central o diálogo e crêem que todos têm a capacidade para aprender, bastando para tanto ter um maior incentivo, tornar-se consciente de si mesmo e da realidade que o cerca.

Levando em consideração que nos últimos tempos tem havido uma grande perda dos valores éticos e morais, que a família esteja cada vez mais desestruturada e que com isso a violência cresce mais a cada dia é que será destacado no terceiro capítulo o significado verdadeiro do que seja educar, bem como a missão do professor nesse mundo tão conturbado e capitalista no qual vivemos. Será analisada também a questão da democracia na educação, que só será possível de ser efetuada quando houver um envolvimento total na mesma, desde professores, diretores, funcionários, alunos, pais até a sociedade no geral, todos comprometidos com a mudança.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I	
A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE LIVRE E JUSTA	
1.1. Quem é Paulo Freire.....	09
1.2. O Método de Alfabetização de Paulo Freire	13
1.3. O Contexto Histórico do Surgimento da Pedagogia da Libertação	14
1.4. O que é a Pedagogia da Libertação.....	17
1.5. A Pedagogia da Libertação e sua Relação com a Educação Brasileira.....	18
CAPÍTULO II	
A RELAÇÃO DO CONSTRUTIVISMO COM PAULO FREIRE	
2.1. Pressupostos Filosóficos	22
2.2. O Que é Construtivismo.....	24
2.3. A Relação do Construtivismo com a Pedagogia da Libertação.....	26
CAPÍTULO III	
A CRÍTICA DA EDUCAÇÃO E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO	
3.1. O Que é Educar.....	29
3.2. Como Educar Hoje.....	31
3.3. A Missão do Professor.....	32
3.4. Democracia é Possível na Educação.....	35
CONCLUSÃO	38
BIBLIOGRAFIA.....	40

...“já que os homens não existem fora do mundo, fora da realidade, o movimento deve começar com a relação homem-mundo. Conseqüentemente, o ponto de partida deve estar sempre nos homens, no seu aqui e no seu agora, que constituem a situação em que se encontram, ora imersos, ora submersos, ora insertados. Somente partido desta situação - que determina a percepção que eles têm - podem começar a atuar.”

(Paulo Freire)

A Deus enquanto percorri o meu caminho rumo a um crescimento maior, ao professor Paulo Henrique, pelo seu apoio durante a etapa da pesquisa, e em especial a meu esposo e meus filhos, que muitas vezes abriram mão de momentos de convívio e sofreram minha ausência quando o dever e o estudo me chamava, abrindo assim as portas para o meu futuro na caminhada do saber.

Dedico esta Monografia a meu esposo, pelo apoio recebido no percurso deste trabalho, que com certeza será o primeiro de outros que virão.

JÂNIA MATIAS BORGES

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

Monografia apresentada no dia 08 de dezembro de 2003, como parte das exigências do Curso de Filosofia.

Paulo Henrique Vasconcelos
Orientador

Helena de Fátima Araújo
Professora

JÂNIA MATIAS BORGES



A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a Orientação do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

RUBIATABA
2003

S. 30708

Tombo nº	8455
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.03.04

JÂNIA MATIAS BORGES

A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

FACER
2003